

## Conselho do infante D. Pedro sobre a expedição a Tânger

Decorridos 22 anos sobre a conquista de Ceuta, a coroa portuguesa volta a interessar-se por nova operação na costa setentrional de Marrocos, manobra justificada por D. Duarte como necessária justamente para fortalecer a posição daquela praça. Tratava-se agora, de ir sobre Tânger. Na gênese desta nova empresa encontramos, ainda, o espírito de cruzada e o desejo de feitos de cavalaria, desta vez personalizado na figura do infante D. Fernando, que, devido à sua juventude, não havia participado na conquista de Ceuta. Principal apoiante do jovem príncipe é o seu irmão D. Henrique. Um e outro têm artes de convencer D. Duarte a organizar a expedição, sem consultar previamente os outros irmãos. Conhecedor do agravo causado, D. Duarte procurou emendar a mão, convocando para Leiria todos os irmãos, a fim de com eles se aconselhar. Rui de Pina descreve, assim, o notável parecer dado pelo infante D. Pedro:

Como quer que em todas as coisas, muito excelente Príncipe, eu tomaria por mais proveito e maior segurança para mim, antes vos obedecer e servir que aconselhar: muito mais e de melhor vontade o faria neste feito, em que a determinação, segundo vejo, vai já diante do conselho: o que, nos semelhantes feitos e que tanto relevam, não devia assim de ser; porque neste negócio, pela casa que já têm feito em vossa vontade, certo é que quem vos nele aconselhar em contradição mais porá escândalo que contentamento em vossa alma: e que isto em todos seja geral, sabeis que nos Reis e Príncipes é próprio e especial.

E porque isto me parece mais cumprimento que se faz a nossas pessoas, que necessidade de vosso conselho neste feito: e também porque sei, sendo eu fora deste reino, que Vossa Mercê em vida d'El-Rei, meu Senhor e Padre, que Deus haja, tendo com meus irmãos e sobrinhos sobre este caso conselho fostes aconselhado que esta guerra se não devia fazer: certo por estas duas razões assaz admoestado era não dar-vos; mas há aí outras duas que, com maiores forças me constangem que o faça: ca uma é a grande fé e muita lealdade que vos devo, enquanto na terra fores meu Supremo Rei e Senhor: e a outra o singular e verdadeiro amor que vos tenho, que me obriga, pospostas todas as contrariedades e paixões, que mui desenganadamente vos diga, de fora, o que a alma verdadeiramente me dentro sentir que seja vosso serviço, honra e acrescentamento de vosso estado. Pelo qual, Senhor, obedecendo ao que neste feito me mandais, digo que já não faço dúvida em ser bem e serviço de Deus os mouros inimigos da Fé serem guerreados, contanto que este bem não traga consigo danos e males muito maiores: dispordes-vos a eles por servires a Deus e acrescentar em vossa honra, logo em meu juízo o dispensaria, se o pudésseis fazer.

E o poder não tomo aqui por mais, que se tivésseis dinheiro, que é o nervo principal e parte formal deste negócio, para supirdes vossas despesas e a provisão necessária aos que nele vos houvessem de servir; mas eu, como dizem, ladrão sou de casa, onde sei que o não há vosso: pois de vossos povos sabeis que, para guerra tão voluntária, público nem secreto o não podeis tomar sem grande cargo de vossa consciência, o que não deveis fazer. E para mudardes moeda em vosso proveito, com dano de todo vosso reino, não podeis como rei: pois não deveis como justo e cristão; assim que este, como cimento principal da passagem, falece. Mas, posto caso que passásseis e tomásseis Tânger, Alcácer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe faríeis; porque povoá-las com reino tão despovoado e tão minguado de gente como é este vosso, é impossível: e se o quisésseis fazer, seria torpe comparação,

como de quem perdesse boa capa por mau capelo; pois era certo perder-se Portugal, e não se ganhar África.

E para os destruídes ou fizerdes guardar com atalhos, parece-me que seria publicardes sem encoberta vossa língua e fraqueza: e mais não daríeis com isso bom exemplo aos infiéis para de suas vontades se converterem à nossa Fé, quando vissem seus lugares cheios de mesquitas, prosperados em seu poder, e no nosso com nossas Igrejas, logo despovoados e destruídos; porque se Vós, Senhor, tivésseis esta conquista de África, como Castela tem a de Granada, em que cada lugar de mouros que se toma se faz logo defensão e recebe amparo doutro de cristãos seu vizinho, havê-lo-ia por bem; mas vós não podeis além tomar lugar em que possam viver homens vossos, que com temor dos inimigos ousem sair fora, nem aproveitar a terra.

E isto, Senhor, causa não terdes nem poderdes lá ter o senhorio do campo, sem o qual toda conquista será com razão de muito perigo e pouco proveito. E bem creio eu que os Reis destes reinos vossos antecessores, segundo eram mui ricos e mui poderosos e de valentes corações, e dos inimigos da Fé próprios perseguidores, não lhes passara esta empresa pelas memórias, se nela não viram mais destruição que acrescentamento de seus reinos; porque, como prudentes, esguardariam que o Príncipe ou Senhor, para conquistar reinos estranhos de necessário há mister poder com que se faça senhor dos campos, para os livremente correr e se aproveitar das preias e despojos deles, e, com pequeno poder, não se deve fiar em palanques nem artilharias, que convêm mais para segurança dos conquistados que para honra nem proveito dos conquistadores.

E esta gente que ordenais, se vai tomar algum lugar de salto, como alguns fizeram, é mui perigosa ventura: ca, para se fazer com honra, proveito e segurança, convêm outros rodeios e cautelas secretas, para engano dos inimigos, de que não usais: e por este só caso, além doutros, vos haveria grande receio.

E para cercarem Tânger, certo, senhor, é cometimento muito para temer; porque a cidade é grande e povoada de muita e nobre gente, e a vossa, além de não ser bastante para a cercar toda em torno, ainda não é poderosa de resistir e se defender dos cercados, quanto mais dos mouros de fora que vierem em seu socorro: o que, segundo esta passagem se divulga, não faço nisto dúvida, antes me afirmo que de Trípoli e da Berberia até Meca, não ficará mouro de peleja que aí não venha disposto para morrer; e assim os nossos cercadores se achariam cercados, cujo socorro a vós e a vosso reino seria mui duvidoso, ou por ventura impossível: porque havia de ser quando fosse com frota, dinheiro, artilharias e armas, que vós não tereis mais das que mandardes: e sobretudo por mar, que não tem certidão nem prazo.

E, para a tomarem salteada, não é de esperar que de armada tamanha e tão pública, da que é para África, não sejam os mouros bem avisados, e até saberem o fim dela, que não estão para defensão e ofensão bem percebidos e aparelhados: mais para dar, que para receber dano.

E aqui senhor, não me esquece o que para contrariar estes receios se pode dizer: a saber, que o preço da grande honra é somente trabalho e grande perigo, e que os notáveis e honrosos feitos não se acabaram nunca sem muito risco e grande ventura. Mas a isto, senhor, digo eu que o tal aventurar não há-de ser de todo posto em ventura, especialmente para quem livremente vai cometer e não é

cometido; mas há-de ter tanta parte na razão e boa prudência, que nela logo se veja clara esperança de próspero sucedimento: e para isto ao menos a vós conviria estardes primeiro ao exame com vossos inimigos, para em vosso alto juízo e conselho cotejardes vosso poder, gentes e forças com as suas, e assim estardes à conta com vossa fazenda, reinos e vassalos; para saberdes o suprimimento e ajuda que vos farão, e como vo-la farão. Ca por maneira quereis fazer esta passagem, que a guerra dela, ante que a façais aos inimigos, ficará primeiro com vossos vassalos e naturais?

E eu, senhor, hei esta empresa de África e Belamarim por tão árdua e dificultosa, que a vós e aos Reis de Espanha todos juntos com vosso poder e postos em um acordo, daria bem que fazer: quanto mais a vós só, que ainda que a conquistásseis não teríeis gente com que a povoásseis e sustivésseis, nem fortalezas em que a defender.

Pelo qual, senhor, concludo que meu parecer é que agora nem em algum tempo Vossa Mercê não se deve entremeter nesta guerra de África, para nela procurardes de ganhar mais do ganhado; porque, esguardadas bem suas condições e degraus porque a ela vão, certo a meu juízo não é serviço de Deus nem proveito, nem honra de algum: antes o contrário disto nela se oferece a todos mui manifestamente; e pois aqui, senhor, o principal intento é servir a Deus, peço-vos por mercê que saibais como o deveis fazer, e não como quereis ou podeis.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> PINA, Rui de, *Crónica de D. Duarte*, pp. 84-88.